

Artigo submetido a 16 de Julho 2020; versão final aceite a 23 de Dezembro de 2020
Paper submitted on July 16, 2020; final version accepted on December 23, 2020

Imigração, Atividades Empreendedoras e Mudança Social em Contextos Rurais: Um Balanço Teórico

Immigration, Entrepreneurial Activities and Social Change in Rural Contexts: A Theoretical Approach

Ubyrajara Dal Bello

birabrasil55@gmail.com

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Octávio Sacramento

octavsac@utad.pt

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)

Carla S. Marques

smarques@utad.pt

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)

Resumo

A análise teórica desenvolvida centra-se nos contributos conceptuais e de pesquisa empírica mais relevantes sobre os fluxos migratórios que, associados a determinadas atividades, projetos e estilos de vida, são atraídos pelas condições existentes nas áreas rurais. Esta análise é guiada por quatro questões: (i) quais as imagens, possibilidades e recursos que conferem atratividade migratória aos territórios rurais? (ii) quem são os migrantes que se deslocam para o campo e quais as suas razões e motivações? (iii) qual a relação destas migrações com processos de inovação e empreendedorismo? (iv) em que medida e de que forma os fluxos de neo-rurais proporcionam processos de gentrificação? A revisão apoia-se em artigos e livros indexados nas bases Scopus e Web of Science, sendo complementada com a análise de obras não indexadas, mas de referência. Como resultado, constatou-se que o neo-ruralismo empreendedor é protagonizado por indivíduos que deixam os centros urbanos motivados pela procura de novos estilos de vida e/ou por oportunidades de desenvolver determinadas atividades económicas. Neste processo, tendem a fomentar a inovação, processos de desenvolvimento local e, não raramente, a gentrificação dos contextos rurais.

Palavas-chave: neo-ruralidade, imigração, inovação, empreendedorismo, gentrificação rural.

Código JEL: R11 e R23

Abstract

The theoretical analysis developed focuses on the most relevant conceptual and empirical research contributions on migratory flows that, associated with certain activities, projects and lifestyles, are attracted by the existing conditions in rural areas. This analysis is guided by four questions: (i) what are the images, possibilities and resources that give migratory attractiveness to rural territories? (ii) who are

the migrants who move to the countryside and what are their reasons and motivations? (iii) what is the relationship between these migrations and innovation and entrepreneurship processes? (iv) to what extent and how do neo-rural flows provide gentrification processes? The review is supported by articles and books indexed in the Scopus and Web of Science databases, being complemented with the analysis of non-indexed, but reliable works. As a result, it was found that entrepreneurial neo-ruralism is carried out by individuals who leave urban centers motivated by the search for new lifestyles and/or opportunities to develop certain economic activities. In this process they tend to foster innovation, local development processes and, often, the gentrification of rural contexts.

Keywords: neo-rurality, immigration, innovation, entrepreneurship, rural gentrification.

JEL Code: R11 e R23

1. INTRODUÇÃO

A população urbana mundial tem vindo a crescer acentuadamente desde meados do século XX e já ultrapassa de forma clara a população a viver em meios rurais, estimando-se que até 2050 a população rural global continuará a diminuir face aos valores de 2018, de 3.4 biliões para 3.1 biliões (United Nations, 2019). Esta tendência global de crescente urbanização começou por ser alvo de algumas manifestações contra-hegemónicas ao longo das décadas de 1960-70, em especial nos EUA e na Europa, através de um “neoruralismo protestário” (Merlo, 2006) – ou *back to the land movement* – que trouxe da cidade para o campo pessoas movidas por densas convicções ideológicas, procurando na ruralidade experiências e identidades radicalmente alternativas ao *mainstream* urbano (Chevalier, 1993; Escribano, Hummel, Molina, & Lubbers, 2020; Guimond & Simard, 2010; Kayser, 1990; Nogué i Font, 2012; Orria & Luise, 2017). Nas últimas três décadas, sobretudo nos países ocidentais, os fluxos migratórios no quadro desta “counterurbanisation” (Champion, 1998) têm vindo a ganhar maior expressão e a contribuir, decisivamente, para a diversificação produtiva, a inovação socioeconómica e a emergência de novos estilos de vida e manifestações culturais nalguns contextos rurais, suscitando a complexificação de eventuais demarcações que ainda pudessem dar sustento à dicotomia campo-cidade (Ghose, 2004; Halfacree & Boyle, 1998; Halfacree, 1997; Herslund, 2012; Simard & Guimond, 2012).

No quadro deste fenómeno contra-hegemónico de mobilidade urbana-rural, embora não existam indicadores rigorosos e sistemáticos, a América do Norte e a Australásia são duas das geografias mundiais mais expressivas em termos de contra-urbanização. A Europa, por exemplo, evidencia acentuados gradientes espaciais, nomeadamente do norte e oeste, onde o fenómeno é relativamente significativo, para o sul e o leste, onde tem pouca expressão (Bell, Charles-Edwards, Ueffing, Stillwell, Kupiszewski, Marek, & Kupiszewska, 2015). É expectável que a procura do rural como geografia de vida e trabalho possa assumir, progressivamente, proporções ainda mais relevantes a nível global, considerando a saturação das grandes urbes e os problemas daí resultantes (*v.g.*, desemprego, pobreza, poluição, insegurança, decréscimo da qualidade de vida) e, por outro lado, a crescente atenuação generalizada das limitações impostas pela distância física, graças aos progressos nos transportes e nas comunicações, à gradual digitalização dos sistemas económicos e às novas formas de organização flexível do trabalho e da produção (Caulkins & Jordan, 2012; Kjaerulff, 2010). Estamos, assim, na presença de um fenómeno que, embora não venha a ser massivo e esteja apenas em contramão face à tendência dominante de aglomeração metropolitana, certamente começará a receber maior atenção por parte das ciências sociais. Daí esta proposta de realização de uma panorâmica teórica dos contributos conceptuais e de pesquisa empírica mais relevantes sobre os fluxos migratórios que, associados a determinadas atividades e projetos de vida, são atraídos pelas condições existentes nas áreas rurais, apesar dos constrangimentos estruturais existentes em muitas destas regiões.

Mais concretamente, procuramos fazer um mapeamento de reflexões e investigações realizadas em diferentes campos disciplinares (*v.g.*, sociologia, economia, antropologia, gestão, geografia) e em diferentes contextos geográficos, que nos permita problematizar e adensar a análise em torno de quatro questões: (i) quais as imagens, imaginações, possibilidades, apelos e recursos que conferem potencial

ao rural em termos de atratividade migratória? (ii) quem são os migrantes que se deslocam da cidade para o campo e quais as razões, subjetividades e oportunidades que os impulsionam? (iii) em que medida as suas deslocações estão associadas a processos de inovação e fomentam atividades empreendedoras, podendo, assim, desde logo, contribuir para a sustentabilidade demográfica de muitos meios rurais? (iv) tendo em conta a entrada de novos atores e as novas configurações socioeconómicas e culturais que daí advêm, bem como eventuais dinâmicas de (re)valorização dos territórios, poder-se-á admitir como plausível a existência de processos efetivos de gentrificação rural?

A reflexão integrada e atualizada que procuramos construir a partir destas interpelações é alimentada por contributos teórico-conceptuais resultantes de um exercício de revisão da literatura de teor “narrativo” (Bourhis, 2017). Apesar de não obedecer aos procedimentos tão estritamente padronizados, sistematizantes e de pendor quantitativista da chamada “revisão sistemática da literatura” (Petticrew & Roberts, 2006), a revisão que aqui realizamos resulta do acesso a um amplo e diversificado volume de trabalhos académicos, seguindo um leque de três critérios básicos que asseguram a fiabilidade e relevância científica dos elementos consultados: (1) estabeleceram-se palavras de busca e múltiplas combinações de termos (*v.g.*, (neo)ruralidade, imigração, inovação, estilo de vida, empreendedorismo, gentrificação rural) em diferentes línguas (português, inglês, francês e espanhol), tendo em vista detetar a produção científica relevante sobre os assuntos em causa; (2) foi privilegiada a pesquisa de artigos, *proceedings* e livros indexados nas duas bases de dados com maior reconhecimento internacional – a Scopus e a Web of Science (WoS); e (3) complementou-se esta pesquisa com o acesso a obras de referência no campo de estudos aqui considerado e a artigos de revistas que, embora não indexadas na Scopus ou na WoS, são consideradas de inegável prestígio nas respetivas áreas científicas.

2. O RURAL (TAMBÉM) COMO ESPAÇO DE ATRAÇÃO DEMOGRÁFICA

Os espaços rurais têm sido, predominantemente, contextos de forte emigração para as cidades. Porém, nas últimas décadas alguns destes espaços também têm acolhido pequenos fluxos de imigrantes, registando dinâmicas sociogeográficas de “contra-urbanização” particularmente evidentes em países europeus e da América do Norte (Berry, 1976; Boscoboinik & Bourquard, 2012; Champion, 1989; Pallarès-Blanch, Velasco, & Pujol, 2014;). Em termos gerais, a contra-urbanização é um processo que implica a mobilidade de pessoas que deixam espaços de maior concentração demográfica, marcados por ambientes citadinos e de teor cosmopolita, para se estabelecerem em contextos de menor densidade populacional e com características socioeconómicas que lhes conferem evidentes traços de ruralidade (Berry, 1976). Muito apoiada nos progressivos avanços tecnológicos em matéria de acessibilidades e comunicações, a capacidade de atração de alguns espaços rurais está, em larga medida, associada à sua diversificação produtiva¹ e à maior capacidade de oferta de serviços, muitos deles vinculados à preservação ambiental e ao turismo (Bowler, Bryant, & Nellis, 1992; Christensen, Høyer, & Svendsen, 2020; Harper, 1991; Pallarès-Blanch, 2012; Pallarès-Blanch et al., 2014; Prados, 2009). Esta desconcentração a favor do rural enfatizada pelo conceito de contra-urbanização suscita algumas nuances na perspetiva dominante sobre as urbes como ambientes geradores de atratividade.

A contra-urbanização tem sido alvo do interesse académico há sensivelmente meio século (Berry, 1976). Desde então, o fenómeno tem vindo a ser estudado através de pesquisas quer de escala micro (estudos de caso, sobretudo), quer de escala macro, tendo por base análises mais panorâmicas dos dados relativos aos fluxos migratórios (Mitchell, 2009). A presença de “contra-urbanismos”, tanto em locais periurbanos (isto é, descentralizados) como mais isolados (isto é, desconcentrados), foi observada (Qian, He, & Liu, 2013; Vannini & Taggart, 2013) e os fatores que influenciam os processos de realocação foram explicitados (Mitchell & Shannon, 2017). Em vários países da Europa, por exemplo, muitos estudos de caso confirmam que os imigrantes procuram contextos de ruralidade para se estabelecerem por razões específicas e durante etapas particulares do seu percurso de vida (Anthopoulou, Kaberis, & Petrou, 2017; Gkartzios & Scott, 2012; Philip, Macleod, & Stockdale, 2013). No continente norte-americano, desde os anos 90, um número crescente de investigadores também tem fornecido evidências de contra-urbanização, frequentemente para regiões ricas em atrativos naturais (Mitchell & Shannon, 2017). Contudo, a análise da literatura mostra que o fenómeno está menos estudado nas regiões em

¹ De um modo geral, o rural passou a ser contexto de outras atividades económicas que não as tradicionais ligadas à agricultura, pecuária e silvicultura. Estas mudanças passaram a atribuir novos papéis, funções e significados aos territórios, rompendo com a conceção produtivista clássica (Phillips, Smith, Brooking, & Duer, 2020; Silva, Figueiredo, Eusébio, & Carneiro, 2016).

desenvolvimento (Spoceter, 2013), embora esteja a ser alvo de uma atenção crescente nas economias emergentes, particularmente na Ásia (Qian et al., 2013) e na Europa Oriental (Kovács, 2012).

Procurando traduzir e compreender os sentidos das deslocações migratórias de contra-urbanização, tem surgido uma ampla diversidade de denominações conceptuais: migração pró-rural, migração urbano-rural, migração da recuperação, reversão da população, renascimento rural, êxodo urbano, neo-ruralidade, entre outras (Champion, 1997; Fussell, Curtis, & DeWaard, 2014; Frey, 1987; Hansen, 1973; Paniagua, 2002; Rivera, 2013; Rivera & Mormont, 2007; Solana, 2008, 2010). Na maioria destas designações destacam-se os motivos pelos quais as pessoas são levadas a mudar para um lugar mais distante dos centros urbanos. A partir da década de 1960, a discussão concentrou-se nas diferentes influências dos chamados *push and pull factors* (Zimmermann, 1996). Os primeiros referem-se aos atributos, recursos e/ou potencialidades das localidades rurais que atraem novos residentes (v.g., novos empregos, comodidades, amenidades, moradias mais baratas). Os últimos referem-se às condições repulsivas para os habitantes das cidades (v.g., falta de emprego, escassez de moradias a preços acessíveis, ritmo de vida atribulado). Assim, muitos estudos interpretaram a migração urbano-rural como uma tendência ligada à procura por um estilo de vida diferente, desde logo nas esferas do trabalho, consumo e lazer (Benson & O'Reilly, 2009; Cloke, Phillips, & Thrift, 1998; Dirksmeier, 2008; Gosnell & Abrams, 2011; Rivera, 2013).

Tendo como base esta procura de alteridade, podem identificar-se diversas abordagens e perspetivas (Pallarès-Blanch et al., 2014), destacando-se duas grandes tendências. De um lado, os estudos que relacionam mais estritamente as movimentações da população para os contextos rurais com a atividade económica (Cloke, 1985; Frank & Hibbard, 2016; Frey, 1993; Hvenegaard, Hallstrom, & Brand, 2019; Murdoch, 1998). Do outro, um conjunto de estudos que, sem negligenciar a influência das variáveis económicas, procura compreender a migração para as áreas rurais tendo em conta fatores mais de ordem sociocultural, nomeadamente os aspetos relacionados com as preferências residenciais (Champion, 1997; Costello, 2009; Fielding, 1992; Flynn & Kay, 2017; Halfacree, 1996; Piętko-Nykaza & McGhee, 2017; Vepsäläinen & Pitkänen, 2010). Na primeira abordagem consideram-se as oportunidades de trabalho e/ou de negócio como fonte de interesse primordial para as deslocações urbano-rurais, procurando mostrar-se como as condições naturais (v.g., propriedade fundiária, áreas protegidas) atraem indivíduos em idade ativa, pequenas empresas e aposentados que geram diversos efeitos multiplicadores e regeneradores da economia local (Ghosh & Mastromarco, 2018; Giannakis & Bruggeman, 2019; Nguyen, Grote, & Nguyen, 2017; Rasker & Hansen, 2000; Szabo, Adger, & Matthews, 2018;). Na segunda abordagem, embora se considerem os aspetos económicos da imigração para os contextos rurais, tal é feito num registo de teor sistémico, em estreita combinação com a análise das condições socioculturais que fomentam as mobilidades em causa, nomeadamente a procura por estilos de vida alternativos, associados às possibilidades de contacto frequente com a natureza e à ausência da agitação desgastante do dia-à-dia metropolitano (Bijker, Haartsen, & Strijker, 2012; Gkartzios, 2018; Moss, 2006). Assim, muitos dos fluxos migratórios para o campo ocorrem por questões de trabalho, família, oportunidades de negócio ou mesmo pela procura de um novo estilo de vida, com base em perceções subjetivas geralmente romantizadas ou idealizadas (Phillips et al., 2020; Silva, Figueiredo, Eusébio, & Carneiro, 2016)². Em geral, a migração urbana-rural contemporânea é uma amálgama de várias condições, processos, subjetividades, expectativas e projetos de vida, ilustrada nos três casos a seguir apresentados.

O primeiro diz respeito aos migrantes norte-americanos que se deslocaram para o Park County (Rocky Mountain West, EUA) nas últimas décadas, existindo entre eles membros da elite económica, da elite cultural (v.g., escritores, atores, pintores e fotógrafos), aposentados e representantes da classe média (Hines, 2007). Independentemente dos seus perfis, estas pessoas tendem a representar Rocky Mountain West como um lugar estreitamente conectado ao passado do oeste americano e à terra dos heróicos pioneiros, havendo, portanto, um denso e profundo imaginário, no qual a própria identidade nacional americana se enraíza, a conduzir a decisão de migrar (Hines, 2007). Um outro caso, vindo do Canadá, é patenteado pelo estudo que Simard e Guimond (2012) realizaram junto de 93 sujeitos que se mudaram de grandes cidades para os municípios rurais de Brome-Missisquoi e Arthabaska, motivados pelas representações do campo como um espaço bucólico de refúgio dos males urbanos. Por último, numa pesquisa realizada na região centro de Portugal (Pinhal Interior Norte e Médio Tejo) foram inquiridos 45

² Noutros casos, a escolha não é propriamente um ato deliberado/volitivo, resultando, antes, de severos constrangimentos em virtude de conflitos bélicos e perseguições (Dymitrow & Halfacree, 2018; Membretti & Lucchini, 2018; Perlik, Galera, Machold, & Membretti, 2019).

neo-rurais e concluiu-se que os custos das propriedades e o custo de vida em geral, juntamente com a procura de um contacto mais sistemático com a natureza e de uma vida mais calma, foram as principais razões (pragmáticas e simbólico-identitárias) para as pessoas em causa deixarem os grandes centros (Sardinha, 2018).

3. OS “NOVOS” ATORES DO RURAL

Os fluxos migratórios que têm como destino as regiões rurais têm sido potenciados, em larga medida, pelos progressos em termos de acessibilidades e pelo advento de novas tecnologias de informação e de comunicação. Estas tecnologias possibilitam quotidianos de vida – e em especial empreendimentos – sedeados fisicamente em determinados contextos mais ou menos remotos, mas amplamente conectados com conjunturas, sistemas e agentes exteriores, o que permite atenuar os constrangimentos da distância geográfica e assegurar respostas para as exigências de residir e produzir longe dos grandes aglomerados urbanos (Bensemman, Warren, & Anderson, 2018; Carson & Carson, 2018; Caulkins & Jordan, 2012; Kjaerulff, 2010; Lloyd & Vengrouskie, 2019; Müller & Korsgaard, 2018; Piša & Hruška, 2019; Sardinha, 2018). O resultado destas novas possibilidades tecnológicas é a “topoligamia” (literalmente, o casamento com vários lugares) de que nos fala Beck (1999), e a emergência da figura do “nómada digital”, um trabalhador-empendedor não fixo, necessariamente, a uma localidade em específico e com um estilo de vida marcado por uma certa itinerância (Jarrahi, Philips, Sutherland, Sawyer, & Erickson, 2019; Müller, 2016; Wang, Schlagwein, Cecez-Kecmanovic, & Cahalane, 2018).

Se os fatores de ordem económica (v.g., oportunidade de negócio, procura por custos de produção mais baixos) eram os motivos mais amiúde apontados para explicar a deslocação ou a fundação de empresas para territórios não metropolitanos, contemporaneamente a mudança urbano-rural também assenta na existência de novas tecnologias, na valorização de novos estilos de vida e em aspirações individuais distintas (Lloyd & Vengrouskie, 2019; Sardinha, 2018;). Como já foi dito, os migrantes que se deslocam para os territórios rurais, além da vertente económica, são impulsionados por variáveis de natureza sociocultural que, geralmente, remetem para desejos de mudança bastante significativos. Entre estes migrantes encontra-se um grande número de aposentados precoces, pessoas que valorizam as artes, o artesanato e a hospitalidade, e que procuram o sonho bucólico romântico de um rural prístino (Bakas, Duxbury, & Castro, 2019; Hines, 2007; Löffler, Walder, Beismann, Warmuth, & Steinicke, 2016; Sardinha, 2018). Estas aspirações idílicas configuram mesmo um dos padrões discursivos mais representativos em relação às áreas rurais, integrando imagens da vida familiar, dos papéis de género e daquilo que é considerado como o ambiente adequado para as crianças. As áreas rurais são comumente conceituadas nestas imagens como ambientes ideais para criar filhos, construir famílias harmoniosas e que oferecem espaço suficiente para brincadeiras espontâneas, contacto com a natureza, segurança e apoio comunitário (Bernard, 2019; Greenlee, 2019; Silva, Seabra, Pereira, Abrantes, & Reis, 2019; Smith & Higley, 2012). Tais representações não deixam de exercer uma atração muito forte entre pessoas que, vivendo num ambiente urbano tendencialmente marcado pelo anonimato e por traços de individualismo, poderão querer experienciar a vida numa comunidade pequena, onde quase todos se conhecem e onde ainda persistem algumas lógicas de reciprocidade (Bernard, 2019; Greenlee, 2019).

Os migrantes que deixam as grandes urbes e se deslocam para contextos rurais são comumente designados como “neo-rurais” (Candiotta & Corrêa, 2008; Dinis & Malta, 2001; Morillo & Pablos, 2016; Roca, 2011; Rouvière, 2015; Sardinha, 2018). Contudo, o termo “neo-rural” não é propriamente consensual, não beneficia de uma interpretação uniforme e nem há registos a respeito da respetiva origem ou de quem teria sido a primeira pessoa a utilizá-lo (Sardinha, 2018). Independentemente de como é interpretado, a maioria dos autores entende a designação do conceito como referente às pessoas que, tendo nascido na cidade ou ido para lá morar, optam por se (re)estabelecer no campo (Sardinha, 2018). Ao procurarmos aprofundar o seu sentido conceptual, percebe-se, na literatura, a existência de uma significativa variedade de entendimentos (e críticas), evidenciando a heterogeneidade de perfis dos sujeitos que, em contramão face às mobilidades migratórias dominantes, se deslocam da cidade para contextos rurais. No entender de Gurría (2007), trata-se de pessoas de diferentes faixas etárias e perfis que decidem voltar para o campo ou nele se estabelecer pela primeira vez. Já Chevalier (1993) considera o

neo-ruralismo como uma migração específica, com forte carga ideológica³, resultante de preferências conscientes por parte dos indivíduos e que acaba por afetar o mundo rural. O objetivo desta mobilidade, segundo Nogué i Font (2012), é a procura de um ambiente que favoreça o estabelecimento de um estilo de vida alternativo. Para Roca (2011: 7), e referindo-se à influência dos neo-rurais no desenvolvimento local da Beira Interior, os “novos rurais são os indivíduos provenientes de meio urbano que, motivados por razões socioeconómicas, culturais e/ou ambientais, mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural, sendo que residem e/ou exercem atividades agrícolas ou não agrícolas no campo”.

Delimitando ainda mais a esfera semântica da designação, Morillo e Pablos (2016) consideram apenas como neo-rurais as pessoas originárias dos centros urbanos ou dos seus arredores, mas que de maneira voluntária deixam esses locais e se instalam no meio rural, tendo em vista um projeto de vida que envolve algum tipo de atividade económica. Rouvière (2015) considera neo-rurais os indivíduos que rejeitam as restrições ligadas ao sistema económico capitalista e à sociedade urbana e de consumo e, portanto, voltam-se para a ruralidade fortemente motivados por representações pessoais de cariz ideológico, muitas vezes causadoras de conflitos entre os velhos e os novos rurais. Por sua vez, Rico e Fuller (2016) reduzem os neo-rurais aos indivíduos que não têm nenhuma conexão pré-existente com uma propriedade agrícola e que decidem trabalhar com a agricultura, iniciando empreendimentos por caminhos muitas vezes alternativos e, frequentemente, inovadores (novas ideias, métodos e meios de subsistência). Quirós (2019) considera neo-rural aquele que inverte o itinerário de migração rural-urbana, fomentando uma certa regeneração nos espaços para onde se desloca. Para a autora, o neo-rural não busca “progresso”, pois ficou saturado com as suas consequências. Além disso, ele não migra necessariamente em busca de melhores oportunidades económicas, mas procura um tipo de “qualidade de vida” que, no seu entender, a cidade não oferece. Da mesma opinião partilham Hines (2010) e Holmes e Argent (2016). Finalmente, Bell (2006) acrescenta outro elemento presente nas características dos neo-rurais que é a determinação de tentar realizar um novo projeto/estilo de vida, mesmo que as condições se apresentem adversas ou que algumas tentativas se traduzam em insucesso.

Em suma, estes “novos” atores dos contextos rurais continuam a atrair o interesse dos investigadores em diversas partes do mundo, procurando descortinar quem são; quais as suas representações e vivências do rural; quais as razões das suas migrações; que implicações resultam das suas mobilidades nas comunidades e nas trajetórias de desenvolvimento rural e o que elas significam para os habitantes locais; e, finalmente, qual o papel das políticas públicas no atendimento das demandas decorrentes da ocupação do espaço rural dentro da sua multifuncionalidade atual (Chevalier, 1993; Escribano et al., 2020; Gkartziós, 2018; Guimond & Simard, 2010; Kayser, 1990; Nogué i Font, 2012; Orria & Luise, 2017).

4. INOVAR E EMPREENDER

A migração tende a aportar benefícios para os próprios sujeitos que a protagonizam, mas também para os contextos de acolhimento destes fluxos populacionais, sendo que os imigrantes, em particular os mais qualificados, estimulam o crescimento da atividade económica local e regional, criam empregos locais como novos empresários (Ghosh & Mastromarco, 2018; Müller, 2006; Szabo et al., 2018) e podem assumir-se como relevantes agentes de desenvolvimento (Bosworth & Finke, 2020; Mitchell & Shannon, 2017; Naudé, Siegel, & Marchand, 2017)⁴. Em muitos casos, exercem mesmo uma notória influência nas comunidades para onde se deslocam em termos de inovação (Fassio, Montobbio, & Venturini, 2019; Gretter, Torre, Maino, & Omizzolo, 2019; Ozgen, Nijkamp, & Poot, 2017). Ora, este não é um efeito menor se considerarmos que a capacidade de inovação é reconhecida, atualmente, como um dos principais determinantes do aumento de produtividade, competitividade e sustentabilidade das empresas, das regiões e dos países (Hall, 2011; Kolehmainen, Irvine, Stewart, Karacsonyi, Szabó, Alarinta, & Norberg, 2016; Mitra, 2019).

As inovações são implantadas pelo agente (privado, público ou do terceiro sector) dinamizador de novas atividades (lucrativas ou não), ou seja, o empreendedor, cuja definição não é pacífica tendo em

³ A este propósito, cabe lembrar a pesquisa desenvolvida por Dinis e Malta (2001), no contexto português, referindo-se aos neo-rurais estabelecidos na Serra da Lousã como protagonistas de um estilo de vida semelhante ao da cultura *hippie*, com origem nos anos 60 do século XX.

⁴ Contudo, nem todos os efeitos da migração urbano-rural são desejáveis. Entre eles, dois são destacados: o aumento significativo do preço da habitação e da terra (Ghose 2004; Loffler & Steinecke 2007; Solana 2010) e as potenciais tensões culturais (Krannich & Petrzalka, 2003; Saint Onge, Hunter, & Boardman, 2007).

conta a vasta literatura existente sobre empreendedorismo. A amplitude dos estudos decorre do interesse de diferentes campos científicos que se debruçam sobre o tema, tais como a psicologia, a sociologia, a economia e a gestão (Murphy, Liao, & Welsch, 2006; Kruger, 2004; Oliveira, 2014; Rao, 2004). Dentro de uma ótica fundamentalmente schumpeteriana, empreender é promover a inovação a ponto de transformar significativamente um determinado setor, ramo de atividade ou território (Schumpeter, 1982). No entanto, e sem delinear uma análise detalhada dos vários conceitos e definições em torno do empreendedorismo, a perspectiva de Honig (2019: 3) pode ser considerada um ponto de partida profícuo, ao considerar os empreendedores como “os indivíduos que criam novas organizações”. Estas “novas organizações” devem ser percebidas numa aceção ampla, pois podem envolver a criação de uma iniciativa inovadora, um novo negócio, o autoemprego, uma nova organização empresarial ou mesmo a expansão de um negócio já existente (GEM, 2013).

Os processos de inovação e empreendedorismo podem remeter para uma dimensão mais de natureza territorial, quando os recursos endógenos são os principais responsáveis pela inovação, e/ou para uma dimensão que se refere ao capital humano responsável por induzir a inovação. Na generalidade dos territórios com problemas estruturais de desenvolvimento, a inovação está, em larga medida, dependente de uma sinergia harmoniosa entre o potencial endógeno, o posicionamento do Estado e o capital humano que, em muitos casos, vem de fora (Gretter et al., 2019). A este propósito, como ressalva Neumeier (2012: 63), “É provável que fatores externos desencadeiem o impulso inicial de inovação, pois as ideias ou a identificação de uma necessidade de mudar o comportamento raramente surgem no vácuo, sem nenhuma influência ou estímulo externo”. Este impulso pode ser reconhecido, por exemplo, como derivação de uma nova ideia vinda de fora ou de uma nova maneira de trabalhar ou, ainda, da (re)valorização dos recursos naturais e culturais (Sardinha, 2018). Nesse sentido, os ditos neo-rurais podem ser considerados como potenciais vetores de inovação, na medida em que venham a introduzir novas conceções de atividades num determinado contexto (Giannakis & Bruggeman, 2019; Peroni, Riillo, & Sarracino, 2016; Sardinha, 2018; Szabo et al., 2018).

Um exemplo clássico de inovação induzida a partir de “fora” vem dos movimentos “back-to-the-land” nas décadas de 1960 e 1970. A ideologia por detrás destes movimentos concebia as áreas rurais como o lugar onde um outro modo de vida poderia ser experimentado através da criação de determinados processos de produção agrícola, apresentados como alternativos (Belasco, 2005; Merlo, 2006; Shiva, 2016). Na visão dos seus partidários, o paradigma da revolução verde – promotora da agricultura industrial intensiva e da utilização de tecnologia avançada com recurso a pesticidas – era totalmente proibitivo. Isso implicou o desenvolvimento de uma produção agrícola “alternativa”, que se caracteriza pela não utilização de produtos químicos (Altieri & Nicholls, 2017; Gliessman, 2014; Orria & Luise, 2017; Schouten, Martin, Blakaj, & Botez, 2016; Shiva, 2016; Snipstal, 2015). Posteriormente, nos EUA, esta nova forma de produzir alimentos foi incorporada no paradigma da agroecologia. A criação de certificações orgânicas foi o meio concebido para a integração deste novo modelo produtivo no sistema industrial global (Gliessman, 2014; Schouten et al., 2016; Snipstal, 2015; Orria, 2018; Orria & Luise, 2017). Esse processo de integração foi responsável pelo desenvolvimento de uma ampla reflexão crítica a respeito da produção de alimentos que acabou por se repercutir nas relações com o mercado. Atualmente, o movimento “back-to-the-land” pode ser dividido em dois grandes perfis: empreendedorismo ecológico e novos camponeses (Marsden & Smith, 2005; Orria & Luise, 2017; Van der Ploeg, 2010). O primeiro refere-se a um processo em que as explorações agrícolas contribuem para o desenvolvimento rural sustentável, através da agricultura ecológica e do marketing direto, enquanto que o segundo é baseado no sistema agroalimentar convencional, intensificando as relações interpessoais para obter sustentabilidade, interdependência e um novo estilo de vida rural (Marsden & Smith, 2005; Orria & Luise, 2017; Van der Ploeg, 2010;).

Quando se fala de inovação, além dos estritos incrementos tecnológicos, têm também de se considerar as suas vertentes sociais. Neste sentido, podem distinguir-se três interpretações da inovação social: a dos mecanismos sociais decorrentes, a da responsabilidade social e a da inovação da sociedade propriamente dita (Orria & Luise, 2017). A primeira diz respeito aos modos como a inovação ocorre em determinados contextos sociais e culturais, ou seja, como as inovações são incorporadas no tecido social de uma dada comunidade. O aspeto primordialmente focado aqui é a aprendizagem coletiva e criativa, que não é estruturada como uma transferência planeada, mas como um processo partilhado socialmente, no qual a combinação de diferentes fontes e tipos de conhecimento cria algo novo. Entende-se, assim, a inovação social rural como o resultado das redes de comunicação entre diferentes atores em eventos

sociais e mercados, tais como conferências, reuniões privadas, feiras e festivais (Fløysand & Jacobsen, 2011; Oreszczyn, Lane, & Carr, 2010; Orria & Luise, 2017). Por outro lado, a ideia de responsabilidade social ligada à inovação enfatiza a importância do investimento empresarial na comunidade como parte da sua responsabilidade corporativa e não apenas por lucro (Phills, Deiglmeier, & Miller, 2008). Isto acontece ao se substituir o paradigma de modernização produtivista por um sistema no qual a agricultura é baseada no local e realocada para “os sistemas regionais e locais de desenvolvimento ecológico, económico e comunitário” (Marsden, 2012: 140). Por fim, a inovação da sociedade é um pré-requisito para resolver problemas como a discriminação, a pobreza ou poluição, procurando satisfazer as necessidades não atendidas e criar valor público onde os mercados e as políticas socioeconómicas convencionais falharam (Phills et al., 2008).

Nem todos os contextos rurais são favoráveis à imigração, ao empreendedorismo e, por consequência, à inovação. Um dos padrões discursivos dominantes em relação à atratividade das áreas rurais, como já mencionado, é o idílio rural que abrange imagens importantes da vida familiar (Bernard, 2019; Smith & Higley, 2012). Contudo, a suposição dessa ideia de migração urbana-rural encabeçada, maioritariamente, pela supervalorização do papel desempenhado pela dimensão representacional acaba por negligenciar aspetos de ordem prática que podem vir a constituir obstáculos à fixação no campo. Estes aspetos estão relacionados, sobretudo, com as condições materiais da vida, ou seja, com recursos económicos, comodidades, condições de moradia, requisitos de trabalho, necessidades espaciais, condições de bem-estar, acesso às redes de transporte, entre outros (Rivera, 2013). O estabelecimento em espaços rurais requer garantia de acesso a bens e serviços essenciais, assim como a existência de laços que evitem eventuais situações de exclusão. Este desafio ganha especial relevo nas áreas rurais consideradas mais periféricas e com baixa densidade populacional, que, por norma, enfrentam constrangimentos de diversa ordem. Acolher (potenciais) empreendedores e fomentar o seu potencial inovador exige políticas públicas delineadas no sentido de assegurar o desenvolvimento económico, a coesão da comunidade e os serviços essenciais, não como objetos separados e desconectados, mas sim de modo integrado, o que raramente acontece (Fernandes, Chamusca, Bragança, Formigo, Marques, & Silva, 2016; Fritsch, Brixey, & Falck, 2006; Oliveira, Ferreira & Póvoa, 2014; Saleilles, 2006; Steiner & Teasdale, 2019; Wanderley, 2000).

De uma forma geral, é possível organizar as políticas públicas de atração de novos empreendedores e de apoio à inovação em três dimensões. A primeira refere-se a investimento e capitalização: recursos públicos não reembolsáveis; os fundos de *venture capital*; fundos públicos e de investimento público-privado; *crowdfunding*; e investimento direto corporativo em participação (*corporate ventures*) (Freire, Maruyama, & Polli, 2017). A segunda dimensão refere-se a práticas, serviços de apoio e fomento ao ambiente empreendedor: os espaços para estímulo à inovação e ao desenvolvimento tecnológico, como incubadoras e aceleradoras; redes de empreendedores, investidores e clientes; eventos, cursos e *workshops*; além dos desafios tecnológicos públicos ou privados (*idem*). Por fim, a terceira dimensão remete para o regime regulatório, configurado pelo arcabouço normativo para investimento; por regulação de incentivos fiscais a investidores em inovação e a empresas iniciantes; e pela simplificação e modernização de processos administrativos (Freire et al., 2017).

Além das políticas, o contexto sociogeográfico é uma dimensão de análise importante e muito considerada, contribuindo para a compreensão de como, por exemplo, a economia e a ecologia social (sobretudo institucional) influenciam os processos inovadores e empreendedores. Mais recentemente, o modelo *Triple Helix* usou a proximidade geográfica como um elemento central dos sistemas baseados no conhecimento. Estes sistemas transformam as condições institucionais numa infraestrutura de saber, ou seja, uma rede em hélice tripla, representando a universidade, a indústria e o governo (Hindle, 2010; Presutti, Boari, Majocchi, & Molina-Morales, 2019; Raza, Liu, & Usman, 2019; Welter, 2011). É justamente em função da configuração e dinamismo deste triângulo institucional que, de um modo geral, os grandes centros fomentam a aglomeração demográfica e a constituição de ecologias indutoras de inovação e de atividade empresarial, contrariamente à maioria dos contextos rurais (Cooke, 2004; Fischer & Nijkamp, 2019; Grillitsch & Sotarauta, 2019; Stuart & Sorenson, 2003).

No quadro dos processos inovadores e empreendedores, o espaço (físico e social) representa uma dimensão que permite, ou não, que as relações e os intercâmbios fluam sem resistência, dependendo das distâncias envolvidas (Boschma, 2005; Fischer & Nijkamp, 2019; Grillitsch & Sotarauta, 2019). Estes aspetos relacionados com as distâncias e os espaços tendem a oferecer alguma dificuldade ao empreendedorismo rural, uma vez que a existência de determinadas condições naturais e socioculturais poderão

ter um papel decisivo na decisão de empreender (Halfacree, 1993; Korsgaard, Ferguson, & Gaddefors, 2015; Thornton & Flynn, 2003;). Por outro lado, a distância geográfica entre a metrópole e o rural tem favorecido a preservação de paisagens, as características ambientais, os hábitos locais e alguns métodos tradicionais de produção, ou seja, atributos que se traduzem em potenciais oportunidades de empreendedorismo, animação e atração socioterritorial (Almeida, Loupa-Ramos, Menezes, Carvalho-Ribeiro, Guiomar, & Pinto-Correia, Teresa 2016; Luz, Buijs, Aleixo, Metelo, Grilo, Branquinho, Santos-Reis, & Pinho, 2019; Peng, Mi, Wang, Liu, Lin, Sang, & Cui, 2019; Stathopoulou, Psaltopoulos, & Skuras, 2004; Sylla, Lasota, & Szewrański, 2019).

O processo de inovação ligado à agricultura resultou no aumento dos índices de produtividade, o que reduziu a carência da força de trabalho nas atividades agrícolas. Tal efeito tem contribuído de forma significativa para o êxodo rural, nomeadamente o de jovens, que não encontram no campo oportunidades de trabalho que correspondam às suas expectativas (Branco et al., 2014; Largo & Ribeiro, 2019; Wanderley, 2000). Nestas circunstâncias, os efeitos mais evidentes têm sido o envelhecimento da população, a insuficiência de atividades económicas, a baixa qualificação do pessoal produtivo, a escassez de empregos e a inércia institucional e dos serviços de apoio às atividades (Branco et al., 2014; Largo & Ribeiro, 2019; Wanderley, 2000). Os contextos rurais com este perfil apresentam-se, por isso, como desfavoráveis ao empreendedorismo, em virtude da densidade socioeconómica ser um fator impulsor de inovação, de dinamismo e de sustentabilidade empresarial (Branco et al., 2014; Fernandes et al., 2016; Fritsch et al., 2006; Gretter et al., 2019; Steiner & Teasdale, 2019; Wanderley, 2000).

Não obstante os aspetos potencialmente negativos à fixação de pessoas e de empreendimentos, deve-se considerar a coexistência de dois contextos rurais que mantém uma relação entre si: o rural-agrícola que produz bens materiais e o rural-não agrícola que presta serviços (Covas, 2013). Quanto mais integrados forem estes “dois rurais”, maiores serão as possibilidades de criação de novas atividades e de expansão daquelas já existentes. A relação será separativa e limitante caso se caracterize por uma cadeia agroalimentar muito estrita, com baixa oferta de serviços. Neste caso, poucas oportunidades de empreendedorismo e negócio irão surgir. Por outro lado, se a relação entre os dois contextos for complementar, eles terão tendência a autoalimentar-se (Covas 2013). Exemplos de oportunidades de negócios decorrentes desta complementaridade são o enoturismo, o rentismo imobiliário, a conservação dos valores naturais, a florestação dos terrenos agrícolas marginais, a residencialização do espaço rural, a “energização” dos recursos renováveis, a “turistificação” das amenidades, a exploração agrícola superintensiva e a “cinegetização” dos recursos florestais (Covas, 2013: 73), entre outros.

Se o rural testemunhou um relativo decréscimo das suas funções tradicionais, traduzindo-se num contexto diverso, nem sempre propício ao empreendedorismo, ao mesmo tempo daí resultaram novas oportunidades, avaliadas do ponto de vista cognitivo-racional, mas também em função de processos simbólicos e emocionais (Covas, 2013; Halfacree, 1993; Korsgaard, Müller, & Tanvig, 2015; Thornton & Flynn, 2003). Neste sentido, a multifuncionalidade do campo traduz-se na emergência de atividades fora do sector primário, como é o caso do turismo, um componente importante do desenvolvimento regional, sobretudo em territórios mais periféricos que se debatem com a escassez de oportunidades económicas, o declínio dos serviços públicos e a ausência de infraestruturas (Andrade & Caamaño-Franco, 2018; Dinis, Simões, Cruz, & Teodoro, 2019; Lloyd & Vengrouskie, 2019; Quaranta, Citro, & Salvia, 2016).

A inovação e as atividades empreendedoras levadas a cabo pelos neo-rurais, embora muitas vezes modestas em número e em escala, configuram uma potencialidade promissora para os territórios cuja capacidade de desenvolvimento endógeno é restrita. Além dos contributos produtivos diretos e do estímulo em termos de procura imobiliária, a chegada de novos interlocutores cria e/ou impulsiona a satisfação de um maior leque de necessidades no meio rural, desde as mais básicas (v.g., saúde, educação), às necessidades culturais e às que se inscrevem no campo do turismo e do lazer.

5. MUDANÇAS, TENSÕES E GENTRIFICAÇÃO RURAL

Um desafio com que os neo-rurais amiúde se debatem refere-se às resistências dos autóctones em relação à aceitação dos seus estilos de vida e às mudanças que eles tendem a protagonizar, nomeadamente em termos de valorização dos recursos naturais e de proteção ambiental (Gielsing, Vermeij, & Haartsen, 2017; Holmes & Argent, 2016; Mamonova & Sutherland, 2015; Qin, 2016; Ulrich-Schad & Qin, 2018). Um exemplo destas tensões entre locais e recém-chegados é relatado por Cortés-Vazquez

(2014) e ocorreu em torno de um santuário ecológico, localizado no sudeste da Espanha, que viria a transformar-se em área protegida, por força da ação de neo-rurais: o Parque Natural Cabo de Gata-Níjar. Os conflitos tiveram como elemento catalisador a deslocação de neo-rurais para aquela região, procurando desenvolver um projeto de vida próximo da natureza, o que colidia com as visões do mundo e as práticas dos habitantes locais. Se, para os últimos, a exploração económica era a prioridade, para os neo-rurais a preservação ambiental era o grande objetivo. Já com a criação do Parque Natural, os conflitos intensificaram-se e levaram mesmo à constituição de uma associação de agricultores para derrubar a política ambiental protecionista. Em resposta, os neo-rurais criaram uma ONG ambientalista e uma associação de ecoturismo para consolidar a causa preservacionista e explorar novas formas de negócio, tendo como base a conservação do ambiente (v.g., ecoturismo, percursos paisagísticos, hospitalidade).

Apesar das dificuldades e das eventuais tensões sociais, há um relativo consenso na literatura sobre os potenciais ou efetivos benefícios socioeconómicos para as comunidades onde se estabelecem os neo-rurais. É sobretudo neste âmbito que alguns autores se referem à gentrificação do rural (Escribano et al., 2020; Holmes & Argent, 2016; Kalantaridis, 2010; Nelson & Hines, 2018; Mamonova & Sutherland, 2015; Peroni et al., 2016; Phillips, 2010; Reichert, Cromartie, & Arthun, 2014). Originalmente, o termo “gentrificação” foi criado para descrever um processo de transformação das características de um bairro urbano degradado através do influxo de empresas e de residentes mais abastados (Gkartzios & Scott, 2012; González, 2016; Nelson & Hines, 2018; Phillips, 2004; Phillips et al., 2020). Geralmente, a gentrificação aumenta o valor económico do contexto em causa, em virtude dos investimentos em infraestruturas, da atração de negócios e da dinamização do mercado imobiliário. Mas as mudanças demográficas e sociais associadas ao fenómeno são, frequentemente, fonte de controvérsia, pois trata-se de um processo que tende a gerar um efeito de expulsão socioespacial dos mais desprovidos (Gkartzios & Scott, 2012; González, 2016; Nelson & Hines, 2018; Phillips et al., 2020). Com efeito, a gentrificação (sobretudo em meio urbano) força a deslocamentos da população em função do seu poder económico (Gkartzios & Scott, 2012; González, 2016; Morisson & Bevilacqua, 2019; Nelson & Hines, 2018; Phillips et al., 2020; Phillips & Smith, 2018; Pilgeram, 2019).

Embora muito associado aos processos de nobilitação em contextos urbanos, o conceito de gentrificação foi estendido aos estudos rurais desde meados da década de 1980, nomeadamente para explicar as mudanças ocorridas no espaço rural britânico (Holmes & Argent, 2016; Kalantaridis, 2010; Nelson & Hines, 2018; Peroni et al., 2016; Reichert et al., 2014). A partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000, investigadores americanos recorreram ao conceito na tentativa de compreenderem as transformações que ocorreram no campo e que foram descritas como mudanças pós-produtivistas (Gkartzios & Scott, 2012; González, 2016; Morisson & Bevilacqua, 2019; Nelson & Hines, 2018; Nelson, 2018; Phillips et al., 2020; Pilgeram, 2019). De um modo geral, nas pesquisas realizadas entende-se que os atributos percebidos genericamente como sinónimos de melhoria da qualidade de vida – os quais estariam presentes em ambientes rurais (v.g., acesso à natureza, tranquilidade, ritmo de vida mais lento e oportunidades de lazer) – criam condições para a gentrificação rural. Ao mesmo tempo, o processo é potenciado pela existência de moradias abandonadas ou subutilizadas (propriedades “gentrificáveis”) na forma de antigas casas agrícolas, celeiros disponíveis para conversão e até terras não devidamente exploradas, mas que podem ser destinadas para a implantação de moradias e desenvolvimento de atividades baseadas na agricultura (Holmes & Argent, 2016; Kalantaridis, 2010; Li, Westlund, Zheng, & Liu, 2016; Nelson & Hines, 2018; Peroni et al., 2016; Reichert et al., 2014).

A gentrificação associada ao estabelecimento de migrantes em espaços rurais proporciona diversidade, novas experiências e conhecimentos que impulsionam a criatividade, sendo que esta pode tornar-se um instrumento relevante para solucionar velhos problemas económicos, identificar oportunidades de mercado e contribuir para a inovação em termos de processos e de produtos (Holmes & Argent, 2016; Kalantaridis, 2010; Nelson & Hines, 2018; Peroni et al., 2016; Reichert et al., 2014; Richard, Dellier, & Tommasi, 2014). Desta forma, a migração para o campo tende a constituir uma influência fundamental no processo de desenvolvimento rural na Inglaterra, Europa Continental e EUA (Berry, 1976; Boscoboinik & Bourquard, 2012; Champion, 1989; Mitchell, 2019; Pallarès-Blanch et al., 2014; Rowe, Bell, Bernard, Charles-Edwards, & Ueffing, 2019; Tulla, Stoica, Pallarès-Blanch, & Zamfir, 2017). Os recém-chegados assumem-se, frequentemente, como impulsionadores e colaboradores na criação de novos empreendimentos, bem como catalisadores no aprimoramento e densificação das interdependências urbano-rurais (Kalantaridis, 2010; Mitchell, 2019; Pilgeram, 2019). Acrescente-se que estes migrantes que se estabelecem em territórios rurais são, por vezes, profissionais que trazem *know-how*, experiência,

clientes, intenção empreendedora e estão, em muitos casos, mais motivados pelo crescimento dos respetivos negócios do que os habitantes locais (Dabić, Vlačić, Paul, Dana, Sahasranamam, & Glinka, 2020; Herslund, 2012; Holmes & Argent, 2016;). Além disto, tendem a desenvolver profundos laços emocionais com o lugar (*place attachment*), o que também se repercute positivamente na decisão de empreender e na sustentabilidade dos projetos daí resultantes (Kibler, Fink, Lang, & Muñoz, 2015; Korsgaard et al., 2015). Por tudo isto, a gentrificação ocasionada pelas mobilidades migratórias para comunidades rurais em declínio pode contribuir decisivamente para a reversão do processo. Estes “novos” atores proporcionam aos territórios capital humano decisivo (habilidades profissionais, experiências de vida, cosmopolitismo), além de assumirem, amiúde, postos de trabalho difíceis de preencher nas comunidades rurais (Li, Westlund & Liu, 2019; Mitchell, 2019; Pilgeram, 2019; Reichert et al., 2014) e aí desenvolverem atividades de promoção cultural, associativa e ambiental, entre outras.

Um exemplo pertinente a invocar é a inversão da tendência de declínio da população alpina nas últimas décadas associada aos fluxos de neo-rurais, nalguns casos protagonizados por imigrantes refugiados (Membretti & Lucchini, 2018; Perlik et al., 2019). As aldeias nas montanhas que há muito se acreditava condenadas ao abandono, a uma difícil luta pela sobrevivência e a uma incapacidade de manter as pessoas autóctones e atrair novos habitantes, hoje demonstram uma ligeira inversão desta tendência. Para além desta mudança, revelam também um paradoxo: em muitos casos os neo-rurais estão mais propensos do que os locais para promoverem a valorização do património local (Viazzo & Zanini, 2014), provavelmente motivados pela visão de oportunidade de negócio, formação educacional, experiências adquiridas no mundo urbano e/ou pela própria indiferença por parte dos habitantes locais (Sardinha, 2018; Rico & Fuller, 2016).

Parece indiscutível que a chegada de novos protagonistas e a consequente gentrificação rural constituem um potencial fator de revitalização demográfica, diversificação produtiva, crescimento económico e regeneração territorial (Bosworth & Finke, 2020; Herslund, 2012; Mitchell & Shannon, 2017;). Por outro lado, importa não esquecer que daí podem resultar assimetrias, tensões e dinâmicas de exclusão em nada benéficas para o desenvolvimento dos territórios e para a sua própria sustentabilidade (Gallent, 2011; Guimond & Simard, 2010; Mullenbach & Baker, 2018; Phillips, et al., 2020), destacando-se a possibilidade de um aumento significativo do custo de vida e dos preços dos imóveis, bem como algumas práticas (turísticas e não só) com potenciais impactos ecológicos negativos. A gentrificação rural não é um processo simples, nem de efeitos monolíticos (positivos ou negativos), na medida que faz irromper transformações diversas e, por vezes, ambíguas e paradoxais que afetam de forma sistémica o território.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde meados do século XX, a população mundial em espaços urbanos ultrapassou a população a viver em meios rurais. Esta tendência mundial de progressiva urbanização tem sido pontuada por alguns movimentos inversos, em especial nos EUA e na Europa, trazendo da cidade para o campo pessoas movidas por múltiplas convicções ideológicas, expectativas empreendedoras e/ou à procura de modos de vida alternativos à habitual azáfama cidadina. Procurando compreender os sentidos das deslocações migratórias para fora das cidades, surgiram várias abordagens, destacando-se duas grandes tendências iniciais. De um lado, os estudos que relacionavam as movimentações da população para os contextos rurais com a atividade económica. Do outro, um conjunto de estudos que procurava compreender a migração para as áreas rurais tendo em conta fatores mais de ordem sociocultural. Mais recentemente, os estudos sobre as migrações para meios rurais apontam o ganho económico em estreita relação com as condições socioculturais como motivadores das migrações. Em relação aos aspetos económicos, são apontados como principais fatores de atratividade migratória as oportunidades de negócio, a empregabilidade e o menor custo de vida. No que diz respeito às variáveis atrativas de cariz sociocultural, geralmente são enfatizadas as expectativas em torno do rural bucólico, calmo, seguro, adequado para as crianças, saudável e “tradicional”, fundadas em imagens idílicas que, como constatámos, configuram um dos padrões representacionais mais significativos da ruralidade.

Os migrantes que deixam os grandes centros urbanos e se deslocam para contextos rurais são comumente designados por “neo-rurais”. O termo “neo-rural” não é propriamente consensual. Porém, independentemente de como é interpretado, a maioria dos autores entende a designação como referente às pessoas que deixam os grandes centros urbanos e se instalam no meio rural, tendo em vista um projeto

de vida que, em muitos casos, pode envolver algum tipo de atividade económica, associada ou não a processos inovadores e de empreendedorismo. Os resultados mais imediatos e destacados destas mobilidades contra-hegemónicas têm sido uma certa revitalização demográfica, a gradual diversificação produtiva, alguma inovação socioeconómica e a emergência de novos estilos de vida em determinados contextos rurais. Nestes casos, a ruralidade passou a contemplar outras atividades (v.g., turísticas) que não as tradicionais ligadas à agricultura, pecuária e silvicultura, bem como a assumir outras funções (v.g., residenciais para pessoas reformadas), emergindo assim “novas” oportunidades para inovar e empreender, a possibilidade de criação de postos de trabalho e a consequente fixação de pessoas.

Nos contextos de acolhimento, um desafio com que os neo-rurais amiúde se debatem refere-se às resistências dos autóctones em relação à aceitação dos seus estilos de vida e às mudanças que eles tendem a protagonizar, nomeadamente em termos de valorização dos recursos naturais e de proteção ambiental. Mas, apesar das dificuldades, das eventuais tensões sociais e até dos impactos negativos, há um relativo consenso na literatura sobre os potenciais ou efetivos benefícios socioeconómicos dos fluxos neo-rurais para as comunidades onde se estabelecem. É sobretudo neste âmbito que alguns autores se referem à gentrificação do rural, um processo que, em muitos casos, acaba por ser facilitado pela existência de propriedades “gentrificáveis” (moradas abandonadas, antigas casas agrícolas, celeiros) que podem ser reabilitadas para habitação e/ou para o desenvolvimento de atividades económicas.

Pode, portanto, depreender-se que as ditas migrações neo-rurais estão, intrinsecamente, associadas a dinâmicas sociais e económicas que tendem a fomentar uma certa regeneração de territórios rurais até então marcados pelo acentuado declínio demográfico. Aliás, na generalidade da literatura aqui considerada, os recém-chegados são frequentemente vistos como impulsionadores na criação de novos empreendimentos, bem como catalisadores no aprimoramento das interdependências urbano-rurais. Acrescente-se que estes migrantes são profissionais que trazem *know-how* e experiência para os meios rurais, além de aí desenvolverem atividades de promoção cultural, associativa e ambiental, entre outras. Os seus múltiplos impactos (positivos e negativos) onde se estabelecem, as dinâmicas de inovação, empreendedorismo e gentrificação que aí protagonizam, bem como as suas interações e tensões com os autóctones, são aspetos relevantes que carecem de mais pesquisa empírica no âmbito das ciências sociais, desde logo no contexto português.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Mara, Loupa-Ramos, Isabel, Menezes, Helena, Carvalho-Ribeiro, Sónia, Guiomar, Nuno, & Pinto-Correia, Teresa (2016), “Urban population looking for rural landscapes: Different appreciation patterns identified in Southern Europe”, *Land Use Policy*, Vol. 53, pp. 44-55.

Altieri, Miguel A., & Nicholls, Clara I. (2017), “Agroecology: A brief account of its origins and currents of thought in Latin America”, *Agroecology and Sustainable Food Systems*, Vol. 41, nº 3-4, pp. 231-237.

Andrade, Maria, & Caamaño-Franco, Iria (2018), “Theoretical and methodological model for the study of social perception of the impact of industrial tourism on local development”, *Social Sciences*, Vol. 7, nº 11, pp. 217.

Anthopoulou, Theodosia, Kaberis, Nicolaos, & Petrou, Michael (2017). “Aspects and experiences of crisis in rural Greece. Narratives of rural resilience”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 52, pp 1-11.

Bakas, Fiona Eva, Duxbury, Nancy, & Castro, Tiago Vinagre (2019), “Creative tourism: Catalysing artisan entrepreneur networks in rural Portugal”, *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 25, nº 4, pp. 731-752.

Beck, Ulrich (1999), *O que é Globalização? Equívocos do Globalismo: Respostas à Globalização*, São Paulo, Paz e Terra.

Belasco, Warren (2005), “Food and the counterculture: A story of bread and politics” in Watson, James L., & Caldwell, Melissa L. (eds.), *The Cultural Politics of Food and Eating*, Oxford, Blackwell, pp. 217-234.

- Bell, David (2006), "Variations on the rural idyll" in Cloke, Paul, Marsden, Terry, & Mooney, Patrick H. (eds.), *Handbook of Rural Studies*, London, Sage Publications, pp. 294-296.
- Bell, Martin, Charles-Edwards, Elin, Ueffing, Phillip, Stillwell, John, Kupiszewski, Marek, & Kupiszewska, Dorota (2015), "Internal migration and development: Comparing migration intensities around the world", *Population and Development Review*, Vol. 41, n° 1, pp. 33-58.
- Bensemam, Jo, Warren, Lorraine, & Anderson, Alistair (2018), "Entrepreneurial engagement in a depleted small town: Legitimacy and embeddedness", *Journal of Management & Organization*, Vol. 10, pp 1-17.
- Benson, Michaela, & O'Reilly, Karen (2009), "Migration and the search for a better way of life: A critical exploration of lifestyle migration", *The Sociological Review*, Vol. 57, n° 4, pp. 608-625.
- Bernard, Josef (2019), "Families and local opportunities in rural peripheries: Intersections between resources, ambitions and the residential environment", *Journal of Rural Studies*, Vol. 66, pp. 43-51.
- Berry, Brian J. L. (1976), *Urbanization and Counter-urbanization*, Londres, Sage.
- Bijker, Rixt A., Haartsen, Tialda, & Strijker, Dirk (2012), "Migration to less-popular rural areas in the Netherlands: Exploring the motivations", *Journal of Rural Studies*, Vol. 28, n° 4, pp. 490-498.
- Boschma, Ron (2005), "Proximity and innovation: A critical assessment", *Regional Studies*, Vol. 39, n° 1, pp. 61-74.
- Boscoboinik, Andrea, & Bourquard, Eric (2012), "Glamping and rural imaginary" in Horáková, Hana, & Boscoboinik, Andrea (eds.), *From Production to Consumption: Transformation of Rural Communities*, Münster, Lit Verlag, pp. 149-164.
- Bosworth, Gary, & Finke, Hanne (2020), "Commercial counterurbanisation: A driving force in rural economic development", *Environment and Planning A: Economy and Space*, Vol. 52, n° 3, pp. 654-674.
- Bourhis, John (2017), "Narrative literature review" in Allen, Mike (ed.), *The Sage Encyclopedia of Communication Research Methods*, Thousand Oaks, Sage, pp. 1076-1077
- Bowler, Ian R., Bryant, Christopher R., & Nellis, M. Duane (1992), *Contemporary Rural Systems in Transition*, Totnes, CABI Publishing.
- Branco, João, Oliveira, Márcia, Ferreira, Ricardo, & Póvoa, Orlanda (2014), "Desertification in Portugal: Causes, consequences and possible solutions, in *O Futuro do Mundo Rural em Questão: Atas do I Congresso de Estudos Rurais do Norte Alentejano*, Coleção C3i, n.º 4, pp. 267-279.
- Candioto, Luciano Z. P., & Corrêa, Walquíria K. (2008), "Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo", *Campo - Território: Revista de Geografia Agrária*, Vol. 3 n° 5, pp. 214-242.
- Carson, Doris A., & Carson, Dean B. (2018), "International lifestyle immigrants and their contributions to rural tourism innovation: Experiences from Sweden's far north", *Journal of Rural Studies*, Vol. 64, pp. 230-240.
- Caulkins, Douglas, & Jordan, Ann (2012), *A Companion to Organizational Anthropology*, Chichester, Wiley-Blackwell.
- Champion, Anthony (1989), *Counterurbanization: The Changing Pace and Nature of Population Deconcentration*, Londres, Edward Arnold.
- Champion, Anthony (1997), "The facts about the urban exodus", *Town and country planning: The Quarterly Review of the Town and Country Planning Association*, Vol. 66, n° 3, pp. 77-79.
- Champion, Anthony (1998), "Studying counterurbanisation and the rural population turnaround", in Boyle, Paul & Halfacree, Keith (eds.), *Migration Into Rural Areas: Theories and Issues*, West Sussex, John Wiley & Sons, pp. 21-40.
- Chevalier, Michel (1993), "Neo-rural phenomena", *L' Espace Géographique*, Vol. 1, n° 1, pp. 175-191.
- Christensen, Lene K., Høyer, Kristine M., & Svendsen, Gunnar L. H. (2020), "Capital configurations and trade-offs: How do families with children, wishing to move to a rural area, search for their new location in order to achieve desired forms of capital?", *Journal of Rural Studies*, Vol. 77, pp.148-158.
- Cloke, Paul (1985), "Counter-urbanisation: A rural perspective", *Geography*, Vol. 70, pp. 13-23.
- Cloke, Paul, Phillips, Martin, & Thrift, Nigel (1998), "Class, colonisation and lifestyle strategies in Gower", in Boyle, Paul, & Halfacree, Keith (eds.), *Migration Into Rural Areas: Theories and Issues*, Chichester, Wiley, pp. 166-185.

Cooke, Philip (2004), “Regional knowledge capabilities, embeddedness of firms and industry organisation: Bioscience megacentres and economic Geography”, *European Planning Studies*, Vol. 12, nº 5, pp. 625–641.

Cortés-Vazquez, José A. (2014), “A natural life: Neo-rurals and the power of everyday practices in protected areas”, *Journal of Political Ecology*, Vol. 21, nº 1, pp. 493-515.

Costello, Lauren (2009), “Urban–rural migration: Housing availability and affordability”, *Australian Geographer*, Vol. 40, nº 2, pp. 219-233.

Covas, António (2013), “Em busca da segunda ruralidade”, *Revista XXI - Ter Opinião*, nº 2, pp. 70-77.

Dabić, Marina, Vlačić, Bozidar, Paul, Justin, Dana, Leo-Paul, Sahasranamam, Sreevas, & Glinka, Beata (2020), “Immigrant entrepreneurship: A review and research agenda”, *Journal of Business Research*, Vol. 113, pp. 25-38.

Dinis, Isabel, & Malta, Miguel (2001), “Da desvitalização à nova ruralidade: Identidades e destinos do território na serra da Lousã”, in 1º Congresso de Estudos Rurais, pp.16-18.

Dinis, Isabel, Simões, Orlando, Cruz, Cristina, & Teodoro, Ana (2019), “Understanding the impact of intentions in the adoption of local development practices by rural tourism hosts in Portugal”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 72, pp. 92-103.

Dirksmeier, Peter (2008), “Strife in the rural idyll? The relationship between autochthons and immigrants in scenic regions of Bavaria”, *Erdkunde*, Vol. 62, nº 2, pp. 159-171.

Dymitrow, Mirek, & Halfacree, Keith (2018), “Sustainability – differently”, *Bulletin of Geography, Socio-Economic Series*, Vol. 40, nº40, pp. 7-16.

Escribano, Paula, Hummel, Agata, Molina, José L., & Lubbers, Miranda J. (2020), “Él es emprendedor, pero yo no, yo soy autónomo: Autorrepresentación y subsistencia de los neocampesinos em Cataluña”, *AIBR – Revista de Antropología Iberoamericana*, Vol. 15, nº 1, pp. 129-156.

Fassio, Claudio, Montobbio, Fabio, & Venturini, Alessandra (2019), “Skilled migration and innovation in European industries”, *Research Policy*, Vol. 48, nº 3, pp. 706-718.

Fernandes, José, Chamusca, Pedro, Bragança, Pedro, Formigo, Nuno, Marques, Hélder, & Silva, Ângela (2016), “Aldeias de montanha: Os problemas, as perspetivas e as propostas, vistos desde as serras da Aboboreira, Marão e Montemuro, no Noroeste de Portugal”, *GOT-Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, nº 9, pp. 113-137.

Fielding, Tony (1992), “Migration and social change” in Champion, Tony, & Fielding, Tony (eds.), *Migration Processes and Patterns: Research Progress and Prospects*, Londres, Belhaven Press, pp. 225-247.

Fischer, Manfred M., & Nijkamp, Peter (2019), “The nexus of entrepreneurship and regional development” in Capello, Roberta, & Nijkamp, Peter (eds.), *Handbook of Regional Growth and Development Theories*, Cheltenham, Edward Elgar, pp. 198-217.

Fløysand, Arnt, & Jakobsen, Stig-Erik (2011), “The complexity of innovation: A relational turn”, *Progress in Human Geography*, Vol. 35, nº 3, pp. 328-344.

Flynn, Moya, & Kay, Rebecca (2017), “Migrants’ experiences of material and emotional security in rural Scotland: Implications for longer-term settlement”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 52, pp. 56-65.

Frank, Kathryn I., & Hibbard, Michael (2016), “Production, consumption, and protection: Perspectives from North America on the multifunctional transition in rural planning”, *International Planning Studies*, Vol. 21, nº 3, pp. 245-260.

Freire, Carlos T., Maruyama, Felipe M., & Polli, Marco (2017). “Inovação e empreendedorismo: Políticas públicas e ações privadas”, *Novos Estudos*, nº 109, pp. 50-76.

Frey, William H. (1987), “Migration and depopulation of the metropolis: Regional restructuring or rural renaissance?”, *American Sociological Review*, Vol. 52, nº 2, pp. 240-257.

Frey, William H. (1993), “The new urban revival in the United States”, *Urban Studies*, Vol. 30, nº 4-5, pp. 741-774.

Fritsch, Michael, Brixy, Udo, & Falck, Oliver (2006), “The effect of industry, region, and time on new business survival: A multi-dimensional analysis”, *Review of Industrial Organization*, Vol. 28, nº 3, pp. 285-306.

Fussell, Elizabeth, Curtis, Katherine J., & DeWaard, Jack (2014), “Recovery migration to the city of New Orleans after hurricane Katrina: A migration systems approach”, *Population and Environment*, Vol. 35, nº 3, pp. 305-322.

- Gallent, Nick (2011), "Gentrification and the discourses of housing affordability, localness and priority in rural England", *Planning Theory and Practice*, Vol. 12, nº 4, pp. 611-618.
- Ghose, Rina (2004), "Big sky or big sprawl? Rural gentrification and the changing cultural landscape of Missoula, Montana", *Urban Geography*, Vol. 25, nº 6, pp. 528-549.
- Ghosh, Sucharita, & Mastromarco, Camilla (2018), "Exports, immigration and human capital in US states", *Regional Studies*, Vol. 52, nº 6, pp. 840-852.
- Giannakis, Elias, & Bruggeman, Adriana (2019), "Regional disparities in economic resilience in the European Union across the urban-rural divide", *Regional Studies*, Vol.54, nº 9, pp. 1-14.
- Gieling, Joost, Vermeij, Lotte, & Haartsen, Tialda (2017), "Beyond the local-newcomer divide: Village attachment in the era of mobilities", *Journal of Rural Studies*, Vol. 55, pp. 237-247.
- Gkartzios, Menelaos (2018), "Mobilities beyond counterurbanisation: Questions of context" in Kordel, Stefan, Weidinger, Tobias, & Jelen, Igor (eds.), *Processes of Immigration in Rural Europe: The Status Quo, Implications and Development Strategies*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, pp. 2-23.
- Gkartzios, Menelaos, & Scott, Mark (2012), "Gentrifying the rural? Planning and market processes in rural Ireland", *International Planning Studies*, Vol. 17, nº 3, pp. 253-276.
- Gliessman, Stephen R. (2014), *Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems*, Boca Raton, CRC Press.
- Global Entrepreneurship Monitor-GEM (2013), *GEM Portugal 2004-2013: Uma Década de Empreendedorismo em Portugal*, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa e Sociedade Portuguesa de Inovação.
- González, Pablo A. (2016), "Heritage and rural gentrification in Spain: The case of Santiago Millas", *International Journal of Heritage Studies*, Vol. 23, nº 2, pp. 125-140.
- Gosnell, Hannah, & Abrams, Jesse (2011), "Amenity migration: Diverse conceptualizations of drivers, socioeconomic dimensions, and emerging challenges", *GeoJournal*, Vol. 76, nº 4, pp. 303-322.
- Greenlee, Kathy (2019), "Why people choose the rural life", *GENERATIONS - Journal of the American Society on Aging*, Vol. 43, nº 2, pp 6-8.
- Gretter, Alessandro, Torre, Cristina D., Maino, Frederica, & Omizzolo, Andrea (2019), "New farming as an example of social innovation responding to challenges of inner mountain areas of Italian Alps", *Journal of Alpine Research - Revue de Géographie Alpine*, Vol. 107, nº 2, pp. 1-16.
- Grillitsch, Markus, & Sotarauta, Markku (2019), "Trinity of change agency, regional development paths and opportunity spaces", *Progress in Human Geography*, Vol. 44, nº 4, pp. 704-723.
- Guimond, Laurie, & Simard, Myriam (2010), "Gentrification and neo-rural populations in the Québec countryside: Representations of various actors", *Journal of Rural Studies*, Vol. 26, nº 4, pp. 449-464.
- Gurría, Angel (2007), "Innovative rural regions. The role of human capital and technology", Paper apresentado na OECD Rural Conference, Cáceres, Centro Cultural San Francisco.
- Halfacree, Keith H. (1993), "Locality and social representation: Space, discourse and alternative definitions of the rural", *Journal of Rural Studies*, Vol. 9, nº 1, pp. 23-37.
- Halfacree, Keith H. (1996), "Out of place in the countryside: Travellers and the 'rural idyll'", *Antipode*, Vol. 29, nº 1, pp. 42-72.
- Halfacree, Keith H. (1997), "Contrasting roles for the post-productivist countryside" in Cloke, Paul, & Little, Jo (eds.), *Contested Countryside Cultures*, Londres, Routledge, pp. 67-91.
- Halfacree, Keith H., & Boyle, Paul (1998), "Migration, rurality and the post-productivist countryside" in Boyle, Paul, & Halfacree, Keith (eds.), *Migration into Rural Areas: Theories and Issues*, Londres, John Wiley & Sons, pp. 1-20.
- Hall, Bronwyn (2011), *Innovation and productivity*, NBER Working Paper, nº 17178, National Bureau of Economic Research, Inc.
- Hansen, Niles M. (1973), *The Future of Nonmetropolitan America: Studies in the Reversal of Rural and Small-Town Population Decline*, Massachusetts, Lexington Books.
- Harper, Sarah (1991), "People moving to the countryside: Case studies of decision-making" in Champion, Tony, & Watkins, Charles (eds.), *People in the Countryside: Studies of Social Change in Rural Britain*, Londres, Paul Chapman Publishing, pp. 22-37.
- Herslund, Lise (2012), "The rural creative class: Counterurbanisation and entrepreneurship in the Danish countryside", *Sociologia Ruralis*, Vol, 52, nº 2, pp. 235-255.

Hindle, Kevin (2010), "How community context affects entrepreneurial process: A diagnostic framework", *Entrepreneurship & Regional Development*, Vol. 22, n° 7-8, pp. 599-647.

Hines, J. Dwight (2007), "The persistent frontier and the rural gentrification of the Rocky Mountain West", *Journal of the West*, Vol. 46, n° 1, pp. 63.

Hines, J. Dwight (2010) "In pursuit of experience: The postindustrial gentrification of the rural American West", *Ethnography*, Vol. 11, n° 2, pp. 285-308.

Holmes, John, & Argent, Neil (2016), "Rural transitions in the Nambucca Valley: Socio-demographic change in a disadvantaged rural locale", *Journal of Rural Studies*, Vol. 48, pp. 129-142.

Honig, Benson (2019), "Exploring the intersection of transnational, ethnic, and migration entrepreneurship", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 22, pp. 1-17.

Hvenegaard, Glen T., Hallstrom, Lars K., & Brand, Kelaine L. P. (2019), "Implementation dynamics for sustainability planning in rural Canada", *Journal of Rural and Community Development*, Vol. 14, n° 1, pp. 54-76.

Jarrahi, Mohammad H, Philips, Gabriela, Sutherland, Will, Sawyer, Steve, & Erickson, Ingrid (2019), "Personalization of knowledge, personal knowledge ecology, and digital nomadism", *Journal of the Association for Information Science and Technology*, Vol. 70, n° 4, pp. 313-324.

Kalantaridis, Christos (2010), "In-migration, entrepreneurship and rural-urban interdependencies: The case of East Cleveland, North East England", *Journal of Rural Studies*, Vol. 26, n° 4, pp. 418-427.

Kayser, Bernard (1990), *La Renaissance Rurale. Sociologie des Campagnes du Monde Occidental*, Paris, Armand Colin.

Kibler, Edwald, Fink, Matthias, Lang, Richard, & Muñoz, Pablo (2015), "Place attachment and social legitimacy: Revisiting the sustainable entrepreneurship journey", *Journal of Business Venturing Insights*, Vol. 3, pp. 24-29.

Kjaerulff, Jens (2010), *Internet and Change: An Ethnography of Knowledge and Flexible Work*, Højbjerg, Intervention Press.

Kolehmainen, Jari, Irvine, Joe, Stewart, Linda, Karacsonyi, Zoltan, Szabó, Tünde, Alarinta, Juha, & Norberg, Anders (2016), "Quadruple helix, innovation and the knowledge-based development: Lessons from remote, rural and less-favoured regions", *Journal of the Knowledge Economy*, Vol. 7, n° 1, pp. 23-42.

Korsgaard, Steffen, Ferguson, Richard, & Gaddefors, Johan (2015), "The best of both worlds: How rural entrepreneurs use placial embeddedness and strategic networks to create opportunities", *Entrepreneurship & Regional Development*, Vol. 27, n° 9-10, pp. 574-598.

Korsgaard, Steffen, Müller, Sabine, & Tanvig, Hanne W. (2015), "Rural entrepreneurship or entrepreneurship in the rural – between place and space", *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 21, n° 1, pp. 5-26.

Kovács, Katalin (2012). "Rescuing a small village school in the context of rural change in Hungary", *Journal of Rural Studies*, Vol. 28, n° 2, pp. 108-117.

Krannich, Richard, & Petrzalka, Peggy (2003), "Tourism and natural amenity development: Real opportunities?" in Brown, David L., & Swanson, Louis E. (eds.), *Challenges for Rural America in the Twenty-First Century*, University Park, Pennsylvania State University Press, pp. 190-199.

Kruger, Maria E. (2004), *Creativity in the entrepreneurship domain*, Tese de Doutorado, Pretoria, South Africa, University of Pretoria.

Largo, Harley, & Ribeiro, Paulo (2019), "A bus demand model for low-density territories in Continental Portugal", *International Journal of Transportation Systems*, Vol. 4, pp. 8-17.

Li, Yuheng, Westlund, Hans, & Liu, Yansui (2019), "Why some rural areas decline while some others not: An overview of rural evolution in the world", *Journal of Rural Studies*, Vol. 68, pp. 135-143.

Li, Yuheng, Westlund, Hans, Zheng, Xiaoyu, & Liu, Yansui (2016), "Bottom-up initiatives and revival in the face of rural decline: Case studies from China and Sweden", *Journal of Rural Studies*, Vol. 47, pp. 506-513.

Lloyd, Robert A., & Vengrouskie, Edward F. (2019), "Digital circumvention as a means to overcome geographic limitations: Defining the new rural entrepreneurial ecosystem", *Journal of Strategic Innovation and Sustainability*, Vol. 14, n° 4, pp. 63-70.

Löffler, Roland, Walder, Judith, Beismann, Michael, Warmuth, Wolfgang, & Steinicke, Ernst (2016), "Amenity migration in the Alps: Applying models of motivations and effects to 2 case studies in Italy", *Mountain Research and Development*, Vol. 36, n° 4, pp. 484-493.

Luz, Ana C., Buijs, Maartje, Aleixo, Cristiana, Metelo, Inês, Grilo, Filipa, Branquinho, Cristina, Santos-Reis, Margarida, & Pinho, Pedro (2019), "Should I stay or should I go? Modelling the fluxes of urban residents to visit green spaces", *Urban Forestry & Urban Greening*, Vol. 40, pp. 195-203.

Mamonova, Natalia, & Sutherland, Lee-Ann (2015), "Rural gentrification in Russia: Renegotiating identity, alternative food production and social tensions in the countryside", *Journal of Rural Studies*, Vol. 42, pp. 154-165.

Marsden, Terry (2012), "Towards a real sustainable agri-food security and food policy: Beyond the ecological fallacies?", *The Political Quarterly*, Vol. 83, n° 1, pp. 139-145.

Marsden, Terry, & Smith, Everard (2005), "Ecological entrepreneurship: Sustainable development in local communities through quality food production and local branding", *Geoforum*, Vol. 36, n° 4, pp. 440-451.

Membretti, Andrea, & Lucchini, Fabio (2018), "Foreign immigration and housing issues in small alpine villages: Housing as a pull factor for new highlanders" in Kordel, Stefan, Weidinger, Tobias, & Jelen, Igor (eds.), *Processes of Immigration in Rural Europe: The status Quo, Implications and Development Strategies*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 203-218.

Merlo, Valerio (2006), *Voglia di campagna: Neoruralismo e città*, Troina, Città Aperta Edizioni.

Mitchell, Claire J., & Shannon, Meghan (2017), "Establishing the routes to rural in-migrant proprietorship in a Canadian tourism region: A mobilities perspective", *Population, Space and Place*, Vol. 24, n° 3, e2095.

Mitchell, Clare J. A. (2009), "Population growth in rural and small town Ontario: Metropolitan decentralization or deconcentration?", *Canadian Journal of Regional Science*, Vol. 32, n° 3, pp. 377-392.

Mitchell, Clare J. A. (2019), "The patterns and places of counterurbanization: A 'macro' perspective from Newfoundland and Labrador, Canada", *Journal of Rural Studies*, Vol. 70, pp. 104-116.

Mitra, Jay (2019), *Entrepreneurship, Innovation and Regional Development: An Introduction*, Abingdon, Routledge.

Morillo, Maria J., & Pablos, Juan C. (2016), "La 'autenticidad' neorrural, a la luz de El sistema de los objetos de Baudrillard", *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n° 153, pp. 95-110.

Morisson, Arnault, & Bevilacqua, Carmelina (2019), "Balancing gentrification in the knowledge economy: The case of Chattanooga's innovation district", *Urban Research & Practice*, Vol. 12, n° 4, pp. 472-492.

Moss, Laurence A. G. (2006), "The amenity migrants: Ecological challenge to contemporary Shangri-La", in Moss, Laurence A. G. (ed.), *The Amenity Migrants Seeking and Sustaining Mountains and their Cultures*, Wallingford, CAB International, pp. 3-26.

Mullenbach, Lauren E., & Baker, Birgitta L. (2018), "Environmental justice, gentrification, and leisure: A systematic review and opportunities for the future", *Leisure Sciences*, pp. 1-18.

Müller, Annika (2016). "The digital nomad: Buzzword or research category?", *Transnational Social Review*, Vol. 6, n° 3, pp. 344-348.

Müller, Dieter K. (2006), "Amenity migration and tourism development in the Tärna Mountains, Sweden", in Moss, Laurence A. G. (ed.), *The Amenity Migrants Seeking and Sustaining Mountains and their Cultures*, Wallingford, CAB International, pp. 245-259.

Müller, Sabine, & Korsgaard, Steffen (2018), "Resources and bridging: The role of spatial context in rural entrepreneurship", *Entrepreneurship & Regional Development*, Vol. 30, n° 1-2, pp. 224-255.

Murdoch, Jonathan (1998), *Counterurbanisation and the Countryside: Some Causes and Consequences of Urban to Rural Migration*, Cardiff, Department of City and Regional Planning, Cardiff University.

Murphy, Patrick J., Liao, Jianwen, & Welsch, Harold P. (2006), "A conceptual history of entrepreneurial thought", *Journal of Management History*, Vol. 12, n° 1, pp. 12-35.

Naudé, Wim, Siegel, Melissa, & Marchand, Katrin (2017), "Migration, entrepreneurship and development: Critical questions", *IZA Journal of Migration*, Vol. 6, n° 1, pp. 1-16.

Nelson, Peter B. (2018), "Spatial and temporal scale in comparative approaches to rural gentrification", *Dialogues in Human Geography*, Vol. 8, n° 1, pp. 40-46.

Nelson, Peter B., & Hines, J. Dwight (2018), "Rural gentrification and networks of capital accumulation: A case study of Jackson, Wyoming", *Environment and Planning A: Economy and Space*, Vol. 50, n° 7, pp. 1473-1495.

Neumeier, Stefan (2012), “Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research? Proposal for a stronger focus on social innovations in rural development research”, *Sociologia Ruralis*, Vol. 52, nº 1, pp. 48-69.

Nguyen, Duc L., Grote, Ulrike, & Nguyen, Trung T. (2017), “Migration and rural household expenditures: A case study from Vietnam”, *Economic Analysis and Policy*, Vol. 56, pp. 163-175.

Nogué i Font, Joan (2012), “Neo-ruralism in the European context: Origins and evolution”, in Resina, Joan R., & Viestenz, William (eds.), *The New ruralism: An Epistemology of Transformed Space*, Madrid, Iberoamericana Editorial Vervuert, pp. 28-41.

Oliveira, Maria F. S. (2014), “El concepto del emprendedorismo: ¿Todavía un problema?”, *Revista Capital Científico-Eletrônica*, Vol. 12, nº 1, pp. 117-132.

Oreszczyn, Sue, Lane, Andy, & Carr, Susan (2010), “The role of networks of practice and webs of influencers on farmers’ engagement with and learning about agricultural innovations”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 26, nº 4, pp. 404-417.

Orria, Brigida (2018), *Moral economy of neo-rurality between urban and inner areas. Alternative agro-food markets in Campania*, Tese de Doutoramento, Milão, Università Degli Studi Di Milano.

Orria, Brigida, & Luise, Vincenzo (2017), “Innovation in rural development: ‘Neo-rural’ farmers branding local quality of food and territory”, *Italian Journal of Planning Practice*, Vol. 7, nº 1, pp. 125-153.

Ozgen, Ceren, Nijkamp, Peter, & Poot, Jacques (2017), “The elusive effects of workplace diversity on innovation”, *Papers in Regional Science*, Vol. 96, nº 1, pp. 29-49.

Pallarès-Blanch, Marta (2012), “Natural protected areas and rural/local development: A sustainable strategy in remote areas”, *Urbani Izziv*, Vol. 23, nº 2, pp. 87-96.

Pallarès-Blanch, Marta, Velasco, Maria J., & Pujol, Antoni F. T. (2014), “Naturbanization and urban-rural dynamics in Spain: Case study of new rural landscapes in Andalusia and Catalonia”, *European Countryside*, Vol. 6, nº 2, pp. 118-160.

Paniagua, Angel (2002), “Urban-rural migration, tourism entrepreneurs and rural restructuring in Spain”, *Tourism Geographies*, Vol. 4, nº 4, pp. 349-371.

Peng, Yu, Mi, Kai, Wang, Huiting, Liu, Zhengwei, Lin, Yongyi, Sang, Weiguo, & Cui, Qingtong (2019), “Most suitable landscape patterns to preserve indigenous plant diversity affected by increasing urbanization: A case study of Shunyi District of Beijing, China”, *Urban Forestry & Urban Greening*, Vol. 38, pp. 33-41.

Perlik, Manfred, Galera, Giulia, Machold, Ingrid, & Membretti, Andrea (2019), *Alpine Refugees: Immigration at the Core of Europe*, Newcastle, Cambridge Scholars.

Peroni, Chiara, Riillo, Cesare A., & Sarracino, Francesco (2016), “Entrepreneurship and immigration: Evidence from GEM Luxembourg”, *Small Business Economics*, Vol. 46, nº 4, pp. 639-656.

Petticrew, Mark, & Roberts, Helen (2006), *Systematic Reviews in the Social Sciences: A Practical Guide*, Oxford, Blackwell Publishing.

Philip, Lorna, Macleod, Marsaili, & Stockdale, Aileen (2013). “Retirement transition, migration and remote rural communities: Evidence from the Isle of Bute”, *Scottish Geographical Journal*, Vol. 129, nº 2, pp. 122-136.

Phillips, Martin (2004), “Other geographies of gentrification”, *Progress in Human Geography*, Vol. 28, nº 1, pp. 5-30.

Phillips, Martin (2010), “Counterurbanisation and rural gentrification: An exploration of the terms”, *Population, Space and Place*, Vol. 16, nº 6, pp. 539-558.

Phillips, Martin, & Smith, Darren (2018), “Comparative ruralism and ‘opening new windows’ on gentrification”, *Dialogues in Human Geography*, Vol. 8, nº 1, pp. 51-58.

Phillips, Martin, Smith, Darren, Brooking, Hannah, & Duer, Mara (2020), “Idyllic ruralities, displacement and changing forms of gentrification in rural Hertfordshire, England”, *Documents d’Anàlisi Geogràfica*, Vol. 66, nº 2, pp. 259-287.

Phills, James A., Deiglmeier, Kriss, & Miller, Dale T. (2008), “Rediscovering social innovation”, *Stanford Social Innovation Review*, Vol. 6, nº 4, pp. 33-43.

Piętka-Nykaza, Eilia, & McGhee, Derek (2017), “EU post-accession Polish migrants trajectories and their settlement practices in Scotland”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 43, nº 9, pp. 1417-1433.

Pilgeram, Ryanne (2019), "How much does property cost up there?: Exploring the relationship between women, sustainable farming, and rural gentrification in the US", *Society & Natural Resources*, Vol. 32, nº 8, pp. 911-927.

Piša, Jan, & Hruška, Vladan (2019), "Entrepreneurial in-migration and rural development in Czechia: A challenge of integrating the local and extra-local in rural planning", *Geographia Polonica*, Vol. 92, nº 3, pp. 347-363.

Prados, Maria J. (2009), "Conceptual and methodological framework of naturbanization", in Prados, Maria J. (ed.), *Naturbanization: New Identities and Processes for Rural-Natural Areas*, Londres, Taylor & Francis, pp. 11-28.

Presutti, Manuela, Boari, Cristina, Majocchi, Antonio, & Molina-Morales, Xavier (2019), "Distance to customers, absorptive capacity, and innovation in high-tech firms: The dark face of geographical proximity", *Journal of Small Business Management*, Vol. 57, nº 2, pp. 343-361.

Qian, Junxi, He, Shenjing, & Liu, Lin (2013). "Aestheticisation, rent-seeking, and rural gentrification amidst China's rapid urbanisation: The case of Xiaozhou village, Guangzhou", *Journal of Rural Studies*, Vol. 32, pp. 331-345.

Qin, Hua (2016), "Newcomers and oldtimers: Do classification methods matter in the study of amenity migration impacts in rural America?", *Population and Environment*, Vol. 38, nº 1, pp. 101-114.

Quaranta, Giovanni, Citro, Elisabetta, & Salvia, Rosanna (2016), "Economic and social sustainable synergies to promote innovations in rural tourism and local development", *Sustainability*, Vol. 8, nº 7, pp. 1-15.

Quirós, Julieta (2019), "Born, raised, arrived: Class relations and socio-spatial geometries in neo-rural migration in contemporary Argentina", *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, Vol. 28, nº 2, pp. 271-287.

Rao, Dorasammy R. (2004), *Culture and Entrepreneurship in Fiji's Small Tourism Business Sector*, Doctoral Dissertation, Melbourne, Australia, Victoria University.

Rasker, Ray & Hansen, Andrew (2000), "Natural amenities and population growth in the Greater Yellowstone region", *Human Ecology Review*, Vol. 7, nº 2, pp. 30-40.

Raza, Jamshed, Liu, Yuxin, & Usman, Muhammad (2019), "Corporate social responsibility commitment of small-to-medium enterprises and organizational competitive differentiation: Stakeholder pressure, market orientation, and socioeconomic context effects", *Journal of Public Affairs*, Vol. 19, nº 2, e1897.

Reichert, Christiane V., Cromartie, John B., & Arthun, Ryan O. (2014), "Impacts of return migration on rural US communities", *Rural Sociology*, Vol. 79, nº 2, pp. 200-226.

Richard, Frédéric, Dellier, Julien, & Tommasi, Greta (2014), "Migration, environment and rural gentrification in the Limousin mountains", *Journal of Alpine Research | Revue de Géographie Alpine*, Vol. 102, nº 3, pp. 1-15.

Rico, Neus M., & Fuller, Anthony M. (2016), "Newcomers to farming: Towards a new rurality in Europe", *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, Vol. 62, nº 3, pp. 531-551.

Rivera, Maria J. (2013), "Translating ex-urban dwellers' rural. Representations into residential practices and rural futures", in Silva, Luís, & Figueiredo, Elisabete (eds.), *Shaping Rural Areas in Europe: Perceptions and Outcomes on the Present and the Future*, Dordrecht, Springer, pp. 25-39.

Rivera, Maria J., & Mormont, Marc (2007), "Neo-rurality and the different meanings of the countryside", *Les Mondes Ruraux à L'épreuve des Sciences Sociales*, pp. 33-45.

Roca, Maria N. (2011), *Os novos rurais da Beira Interior: (Potenciais) agentes de desenvolvimento local*, Poster Session Presented at Seminário Ibérico: Combate à Desertificação, Abandono Rural e Despovoamento – Intervenções Raianas, Idanha-a-Nova.

Rouvière, Catherine (2015), *Retourner à la Terre. L'Utopie Néo-Rurale en Ardèche Depuis les Années 1960*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

Rowe, Francisco, Bell, Martin, Bernard, Aude, Charles-Edwards, Elin, & Ueffing, Philip (2019), "Impact of internal migration on population redistribution in Europe: Urbanisation, counterurbanisation or spatial equilibrium?", *Comparative Population Studies*, Vol. 44, pp. 201-234.

Saint Onge, Jarron M., Hunter, Lori M., & Boardman, Jason D. (2007), "Population growth in highamenity rural areas: Does it bring socioeconomic benefits for long-term residents?", *Social Science Quarterly*, Vol. 88, nº 2, pp. 366-381.

Sailleilles, Séverine (2006), “Les entrepreneurs néo-ruraux: Un ancrage territorial atypique”, in Actes du colloque international - Les Mondes Ruraux à l'Épreuve des Sciences Sociales, Dijon, pp. 17-19.

Sardinha, João (2018), “Neo-rural lifestyle migrants in Central Portugal: Defining one's place in countryside abroad”, in Kordel, Stefan, Weidinger, Tobias, & Jelen, Igor (eds.), *Processes of Immigration in Rural Europe: The Status Quo, Implications and Development Strategies*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 119-139.

Schouten, John W., Martin, Diane M., Blakaj, Hedon, & Botez, Andrei (2016), “From counterculture movement to mainstream market: Emergence of the U.S. organic food industry”, in Canniford, Robin, & Bajde, Domen (eds.), *Assembling Consumption: Researching Actors, Networks and Markets*, Abingdon, Routledge, pp. 21-31.

Schumpeter, Joseph A. (1982), *Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma Investigação Sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico*, São Paulo, Abril Cultural.

Shiva, Vandana (2016), *The Violence of the Green Revolution. Third World Agriculture, Ecology and Politics*, Londres & New Jersey, Zed Books.

Silva, Carla, Seabra, Cláudia, Pereira, Andreia, Abrantes, José L., & Reis, Manuel (2019), “Residents' images of rural spaces through different generations”, in Sousa, Cristina, Freitas, Isabel V., & Marques, Jorge (eds.), *Proceedings of the 2nd International Conference on Tourism Research*, Porto, Academic Conferences and Publishing International Limited, pp. 299-307.

Silva, Diogo S., Figueiredo, Elisabete, Eusébio, Celeste, & Carneiro, Maria J. (2016), “The countryside is worth a thousand words – Portuguese representations on rural areas”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 44, pp. 77-88.

Simard, Myriam, & Guimond, Laurie (2012), “Que penser de l'embourgeoisement rural au Québec? Visions différenciées d'acteurs locaux”, *Recherches Sociographiques*, Vol. 53, nº 3, pp. 527-553.

Smith, Darren P., & Higley, Rebecca (2012), “Circuits of education, rural gentrification, and family migration from the global city”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 28, nº 1, pp. 49-55.

Snipstal, Blain (2015), “Repeasantization, agroecology and the tactics of food sovereignty”, *Canadian Food Studies/La Revue Canadienne des Études sur L'Alimentation*, Vol. 2, nº 2, pp. 164-173.

Solana, Miguel (2008), “El encanto de lo rural, los términos del debate sobre la migración hacia áreas rurales desde la geografía británica y las contribuciones españolas. Un estado de la cuestión”, *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Vol. 13, nº 776, em <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-776.htm>.

Solana, Miguel (2010), “Rural gentrification in Catalonia, Spain? A case study of migration, social change and conflicts in the Empordanet area”, *Geoforum*, Vol. 41, nº 3, pp. 508-517.

Spocter, Manfred (2013). “Rural gated developments as a contributor to post-productivism in the Western Cape”, *South African Geographical Journal*, Vol. 95, nº 2, pp. 165-186.

Stathopoulou, Sophia, Psaltopoulos, Demetrios, & Skuras, Dimitris (2004), “Rural entrepreneurship in Europe”, *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 10, nº 6, pp. 404-425.

Steiner, Artur, & Teasdale, Simon (2019), “Unlocking the potential of rural social enterprise”, *Journal of Rural Studies*, Vol. 70, pp. 144-154.

Stuart, Toby, & Sorenson, Olav (2003), “The geography of opportunity: Spatial heterogeneity in founding rates and the performance of biotechnology firms”, *Research Policy*, Vol. 32, nº 2, pp. 229-253.

Sylla, Marta, Lasota, Tadeusz, & Szewrański, Szymon (2019), “Valuing environmental amenities in peri-urban areas: Evidence from Poland”, *Sustainability*, Vol. 11, nº 3, pp. 570, pp. 1-15.

Szabo, Sylvia, Adger, William N., & Matthews, Zoe (2018), “Home is where the money goes: Migration-related urban-rural integration in delta regions”, *Migration and Development*, Vol. 7, nº 2, pp. 163-179.

Thornton, Patricia H., & Flynn, Katherine H. (2003), “Entrepreneurship, networks, and geographies”, in Acs, Zoltan J., & Audretsch, David B. (eds.), *Handbook of Entrepreneurship Research*, Boston, MA, Springer, pp. 401-433.

Tulla, Antoni-Francesc, Stoica, Ilinca-Valentina, Pallarès-Blanch, Marta, & Zamfir, Daniela (2017), “Can naturbanization promote environmentally friendly built-up areas? A comparison between Cadí-Moixeró (Catalonia, Spain) and Comana (Romania) natural parks”, *European Countryside*, Vol. 9, nº 4, pp. 679-708.

Ulrich-Schad, Jessica D., & Qin, Hua (2018), "Culture clash? Predictors of views on amenity-led development and community involvement in rural recreation counties", *Rural Sociology*, Vol. 83, nº 1, pp. 81-108.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019), *World Urbanization Prospects: The 2018 Revision (ST/ESA/SER.A/420)*, Nova Iorque, United Nations.

Van der Ploeg, Jan D. (2010), "The peasantries of the twenty-first century: The commoditisation debate revisited", *The Journal of Peasant Studies*, Vol. 37, nº 1, pp. 1-30.

Vannini, Phillip, & Taggart, Jonathan (2013), "Voluntary simplicity, involuntary complexities, and the pull of remove: The radical ruralities of off-grid lifestyles", *Environment and Planning A*, Vol. 45, nº 2, pp. 295-311.

Vepsäläinen, Mia, & Pitkänen, Kati, (2010), "Second home countryside. Representations of the rural in Finnish popular discourses", *Journal of Rural Studies*, Vol. 26, nº 2, pp. 194-204

Viazzo, Pier P., & Zanini, Roberta C. (2014), "'Taking advantage of emptiness'? Anthropological perspectives on mountain repopulation and spaces of cultural creativity in the Alpine area", *Journal of Alpine Research | Revue de Géographie Alpine*, Vol. 102, nº 3, pp. 1-10.

Wanderley, Maria N. B. (2000), "A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – O 'rural' como espaço singular e ator coletivo", *Estudos Sociedade e Agricultura*, Vol. 8, nº 2, pp. 87-145.

Wang, Blair, Schlagwein, Daniel, Cecez-Kecmanovic, Drubavka, & Cahalane, Michael C. (2018), "Digital work and high-tech wanderers: Three theoretical framings and a research agenda for digital nomadism", *Australasian Conference on Information Systems*, Sydney.

Welter, Friederike (2011), "Contextualizing entrepreneurship – Conceptual challenges and ways forward", *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 35, nº 1, pp. 165-184.

Zimmermann, Klaus F. (1996), "European migration: Push and pull", *International Regional Science Review*, Vol. 19, nº 1-2, pp. 95-128.